

Mitigações gramaticais e léxico-frasais na formulação de atos diretivos no português curitibano e no espanhol montevidiano¹

Luzia Schalkoski Dias¹, Elena Godoi²

¹Faculdade Internacional de Curitiba (FACINTER), ²Universidade Federal do Paraná (UFPR)

luzia.schal@gmail.com, elenag@ufpr.br

Resumo: Neste trabalho realiza-se um levantamento dos procedimentos gramaticais e léxico-frasais que funcionam como mitigadores ou atenuadores na formulação de pedidos e ordens em contextos específicos, no português curitibano e no espanhol montevidiano. A partir desse levantamento inicial, analisa-se o uso de tais procedimentos, com o objetivo estabelecer em que medida tal uso difere ou se assemelha nas duas variantes, tendo em vista as relações com a polidez verbal. Para tanto, são considerados fatores contextuais como o *status* e o grau de familiaridade entre o falante e o ouvinte.

Palavras-chave: atos diretivos, mitigações, polidez, pragmática

1 Introdução

O estudo das mitigações ou atenuações leva-nos à necessidade de compreender por que, nas interações verbais, os falantes tendem a suavizar certos atos de fala. Nesse sentido, as teorizações em torno à polidez linguística tem oferecido uma via de explicação para certos comportamentos linguísticos. A Teoria da Polidez, de Brown e Levinson (1987), concebe a polidez linguística como um fenômeno centrado na noção de **face**, entendida como a imagem pública que cada indivíduo tem de, e quer para, si. Essa imagem apresenta uma **face positiva** – o desejo que todo ser humano tem de ser apreciado e aprovado pelos demais interlocutores – e uma **face negativa** – o desejo de todo ser humano de liberdade de ação, de não sofrer imposições, ou seja, de ter seu território respeitado. Assim, esses autores propõem que as estratégias linguísticas de polidez usadas pelos falantes dirigem-se à preservação dessas faces, tanto do falante quanto do ouvinte, ou de apenas de um deles.

Na perspectiva da Teoria da Polidez, os pedidos e as ordens são atos de fala diretivos que ameaçam as faces dos participantes de uma interação verbal, uma vez que envolvem certo grau de imposição sobre o outro. Posto que esses atos podem constituir uma ameaça ao desejo de liberdade de ação do interlocutor, as diferentes línguas disponibilizam uma série de procedimentos, que são denominados por Brown e Levinson (1987) de estratégias linguísticas de polidez, aos quais os falantes podem recorrer a fim de atenuar o impacto de suas

¹ O tema explorado neste artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre as estratégias de polidez linguística na formulação de pedidos e ordens no português curitibano e no espanhol montevidiano (cf. DIAS, 2010).

solicitações e, por conseguinte, aumentar as possibilidades de conseguir o que se deseja.

Para o levantamento dos procedimentos linguísticos que contribuem para um efeito atenuante ou mitigador em tais atos, tomamos como base as categorizações desenvolvidas no âmbito dos estudos em pragmática intercultural ou contrastiva (BLUM-KULKA; HOUSE; KASPER, 1989). No entanto, com o intuito de oferecer critérios linguísticos mais coerentes, propomos modificações e ampliações de algumas das categorias tradicionalmente consideradas, conforme detalhado em Dias (2010). Tais modificações permitiram, por exemplo, a inclusão de construções com verbos leves como “dar uma olhada” como um procedimento com função de atenuante de atos diretivos, tanto no português quanto no espanhol.

Nossa hipótese inicial é a de que a proximidade, tanto geográfica quanto linguística e cultural, favoreceria uma forte semelhança nas estratégias usadas nas duas sociedades. Entretanto, a comparação entre as estratégias linguísticas de polidez em contextos específicos, permitiu verificar padrões pragmatolinguísticos próprios de cada grupo linguístico-cultural.

2 A metodologia de coleta de dados

Nossos dados foram obtidos a partir da aplicação de questionários escritos (*Discourse-Completion Test – DCT*), técnica que tem sido bastante utilizada em trabalhos que se destinam a investigar a produção de atos de fala específicos em uma ou mais línguas (ver BLUM-KULKA et al., 1989). Tal método consiste em completar diálogos, em que um dos turnos é omitido, com as palavras que o participante supostamente usaria em um intercâmbio natural. Fornece-se informações sobre as pessoas envolvidas e a situação na qual o diálogo ocorre, de forma que os informantes possam inferir a distância social e a relação de poder existente entre os interlocutores. Apesar de algumas limitações atribuídas a essa metodologia, como a impossibilidade de observar aspectos interativos, o *DCT* tem se mostrado viável para estudos de natureza contrastiva, uma vez que permite a coleta de dados paralelos em contextos relativamente controlados. É importante enfatizar, entretanto, que os dados obtidos por meio de questionários não devem ser vistos como uma mostra de discurso autêntico, mas como representativos das percepções e crenças dos falantes sobre a adequação do discurso em diferentes situações. Nesse sentido, acredita-se que os *DCTs* podem proporcionar um melhor entendimento dos padrões que regem as trocas comunicativas reais.

A coleta dos dados envolveu a participação de 72 informantes brasileiros, da cidade de Curitiba, e 56 informantes uruguaios, da cidade de Montevidéu. Os participantes formularam um pedido ou uma ordem para cada uma das 14 situações propostas no *DCT*, resultando num total de 892 enunciados em português e 722 em espanhol.² Vale lembrar que as transcrições desses enunciados foram fiéis às produções dos informantes, sem qualquer correção. Seguindo a tradição dos estudos interculturais, todos os participantes da pesquisa são estudantes universitários.

² Para maiores detalhes sobre as situações do *DCT* e a metodologia de coleta dos dados, remetemos a Dias (2010).

3 Mitigações: apresentação dos resultados, descrição das categorias e análises

Considerando-se o ato de pedir/mandar em seu “micro nível”, a polidez pode ser manifestada por meio de várias categorias linguísticas, tais como o futuro do pretérito, o pretérito imperfeito de polidez, a realização indireta, entre outras (HAVERKATE, 1994, p. 68). Nesse sentido, Albelda (2010, p. 51-52) acrescenta que com o uso de tais procedimentos nos pedidos, atenua-se diretamente “o dizer”, ou seja, a força ilocucionária do ato. Além disso, as línguas dispõem de uma série de recursos lexicais que podem contribuir para aumentar o efeito de polidez ao realizar-se um pedido ou uma ordem, uma vez que atenuam “o dito” e, indiretamente, também “o dizer”. Começamos pela descrição dos atenuantes de natureza gramatical.

3.1 Mitigações gramaticais (MGs)

O gráfico 1 apresenta as porcentagens para as sete categorias de mitigadores gramaticais, consideradas na análise dos dados do português de Curitiba (PC) e do espanhol de Montevidéu (ES-M), as quais serão detalhadas na sequência. Tradicionalmente, esses procedimentos têm recebido o rótulo de mitigadores ou atenuantes “sintáticos” (BLUM-KULKA et al., 1989; BALLESTEROS, 2002), porém, conforme exposto em Dias (2010), consideramos o termo “gramaticais” mais adequado, entre outros motivos, por abranger os fenômenos morfo-flexionais, como as flexões verbais indicativas de pessoa e tempo (-ria, -ríamos, etc.), que também podem funcionar como atenuantes.

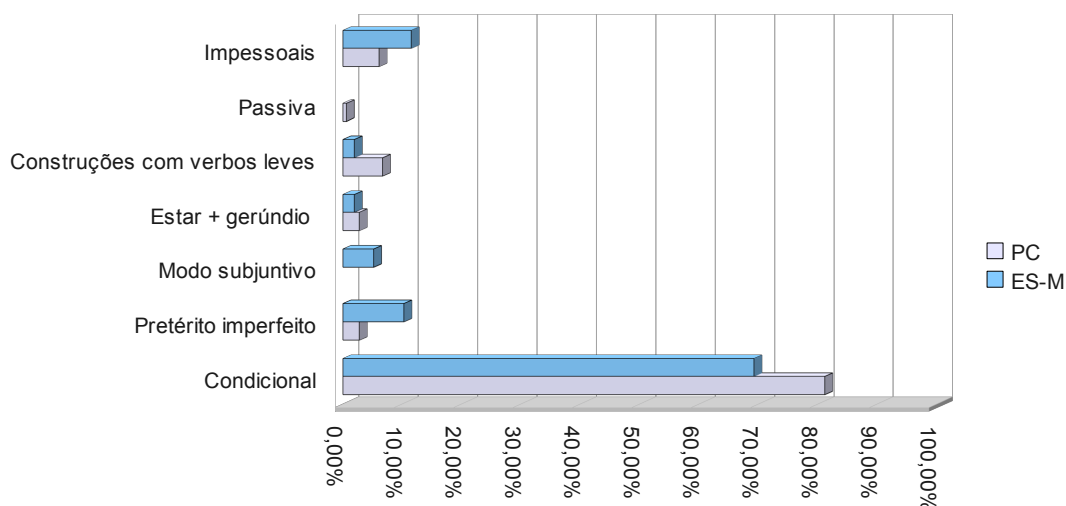


Gráfico 1 – Porcentagens dos MGs no PC e no ES-M

Ao usar o **condicional** (ou futuro do pretérito) em contextos em que poderia optar pelo presente (“faria” por “faz”, em (1), e *prestarías* por *prestás*, em (2)),

- (1) (...) faria a gentileza de trazer alguns pães quando voltar? (Q51R8)
- (2) (...) ¿no me prestarías la lapicera un segundito? (Q115R14)³

o falante expressa um distanciamento quanto a suas intenções reais, dando mais possibilidades para o interlocutor não realizar o ato solicitado, se esta for sua vontade. Esse efeito de distanciamento é proporcionado pela combinação dos traços [+pretérito] [+futuro], que denota um ponto de referência separado do momento do ato de fala por uma dupla distância temporal (HAVERKATE, 1994, p. 143). Como demonstra o gráfico anterior, o condicional foi a subestratégia gramatical que apresentou maior consenso de uso nas duas línguas, com 69,23%, no ES-M, e 81,11%, no PC. Apesar de ter sido usado na maioria das situações, observou-se uma maior recorrência desse recurso nas situações do *DCT* em que o falante se dirige a uma pessoa em posição de maior poder social, com a qual tem pouca familiaridade (aluno-professor \ estagiário-chefe). O uso do condicional também foi recorrente quando os interlocutores não se conheciam, sugerindo que a distância social é um fator importante para a escolha dessa subestratégia pelos falantes.

O predomínio do uso dessa subestratégia, quando o falante está em posição de menor poder social e/ou quando a distância entre ele e o interlocutor é relativamente grande, coincide com os resultados de estudos anteriores, como o de Ballesteros (2002), para o espanhol peninsular e para o inglês britânico, e também de Godoi (2007), para o português curitibano, o espanhol argentino e cubano.

Enquanto o uso do condicional foi o procedimento que apresentou maior consenso intercultural na realização dos atos diretivos, o mesmo não se verificou com a maioria das outras subestratégias gramaticais. As **construções impessoais**, com formas como as seguintes,

- (3) Aquí não é lugar de estacionar moço, ... (Q2R6)
- (4) Che mirá que acá no se puede fumar, ... (Q83R7)

foram a segunda subestratégia mais usada no ES-M, com 11,54%. Já no PC a frequência desse procedimento cai quase pela metade, ocupando o terceiro lugar, com 6,11%. Quanto aos contextos de uso, os brasileiros preferiram impessoalizar quando o falante estava em posição de maior poder social (policial) e havia distância entre ele e o ouvinte. Já os uruguaios empregaram mais essa subestratégia, quando o grau de imposição do ato era alto, ou seja, quando havia maior ameaça tanto para a imagem do ouvinte quanto para a do falante.

As **construções com verbos leves (CVLs)**. Devido à recorrência em nossos dados desse tipo de construção, sobretudo do português, e por não termos notícia de estudos que relacionem as CVLs às estratégias de polidez linguística, nos deteremos um pouco mais na descrição desse procedimento. As CVLs referem-se a construções em que um verbo leve, como “dar” em (5) e (6) e *pegar* em (7), aparece associado a um sintagma nominal (“uma organizada”, *una corrida*). Tomando (5) como exemplo, observa-se que sua interpretação não depende apenas do papel desempenhado pelo verbo “dar”, mas de sua combinação com sintagma nominal “uma organizada”, uma vez que este atua como predicado.⁴ Scher (2004,

³ Convencionamos que o primeiro exemplo sempre será do português e o segundo do espanhol.

⁴ Dadas as limitações de espaço, para uma descrição detalhada sobre o funcionamento de “dar” como

p. 101-102) propõe que determinadas características aspectuais de certas CVLs – como a dinamicidade, a duratividade e a (a)telicidade⁵ – possibilitariam um efeito de diminutivização, ou seja, uma modalização do tipo “um pouco” e “rápido”, que afeta a dinamicidade e a duração da eventualidade. Observe-se que a proposta de Scher analisa as CVLs a partir de suas propriedades sintático-semânticas. Assim, embora partamos da caracterização dessa autora, consideramos que a principal contribuição do nosso estudo está em analisar o mesmo fenômeno na perspectiva pragmática da polidez linguística. Ou seja, as considerações com a face negativa do interlocutor justificariam a opção do falante por dizer (5) “... dá uma organizada na cozinha” e não “organiza a cozinha”.

(5) Fulano (...) dá uma organizada lá na cozinha (Q3R3)

(6) Maria dá um pulinho até o posto pra trocar essa nota pra mim ...(Q19R12)

(7) Juan, (...) pegate una corridita hasta ... (Q127R11)

As **CVLs** foram o segundo recurso mais empregado pelos brasileiros, com 6,67%. Os uruguaios também empregaram tal recurso, mas com frequências bem menos expressivas (1,92%). Em ambas as línguas, o uso das CVLs predominou nas situações em que não havia distância social entre os participantes.

Conforme argumentamos, a presença de CVLs, com os verbos “dar” (PC) e *pegar* (ES-M), na formulação de atos diretivos pode aportar um efeito atenuante a tais atos, dadas as condições semânticas adequadas. Dessa forma, a construção “dá uma organizada”, em (5), poderia ser substituída pelo verbo mais ou menos equivalente (“organiza”) no mesmo contexto, porém perderia o efeito atenuante projetado pela combinação do verbo leve “dar” com a nominalização “organizada”. Tal combinação faz com que se modalize o evento “organizar”, tornando-o menos durativo (“organiza um pouco”) e mais dinâmico (“organiza rapidinho ...”). Ao usar esse procedimento, o falante diminui a imposição sobre o interlocutor, indicando que o ato solicitado não será tão custoso para este, ou seja, não lhe tomará muito tempo ou energia. Com isso, o falante expressa seu cuidado com a imagem negativa do ouvinte. Vale observar que, em (6), a expressão “dá um pulinho”⁶ não funciona como uma alternativa ao uso de “pula” (*“Maria, pula até o posto pra trocar ...”), mas parece substituir o uso do verbo “correr” (“Maria, corre até o posto pra trocar ...”), que apresenta as mesmas propriedades semânticas de “pular”, ou seja, ambos possuem os traços temporais de dinamicidade, duratividade, telicidade e atelicidade. Nota-se, ainda, que o efeito atenuante em (6) é acentuado pelo uso do sufixo diminutivo. O mesmo ocorre no espanhol, em que o verbo leve *pegar* em

verbo leve no português, remetemos ao trabalho de Scher (2004).

5 Refere-se à (in)completude da eventualidade.

6 Segundo Campbell (1989, *apud* SCHER, 2004, p. 96), certas CVLs são tipos especiais de expressões idiomáticas e a diferença entre as duas estaria no fato de que as primeiras são mais transparentes semanticamente que as últimas. Em uma escala de transparência semântica, consideramos que a construção “dá um pulinho até o posto” (que não admite ser parafraseada com *“pula até o posto”) é menos transparente que “dá uma corrida até o posto” (que pode ser parafraseada com “corre até o posto”), porém é mais transparente semanticamente que outras expressões idiomáticas com o verbo “dar” – como “dar pano pra manga” = ser motivo de comentário – em que não há qualquer identificação entre os significados das partes da expressão e o significado da expressão como um todo. Consideramos que, mesmo que não seja direta, a relação entre o significado composicional de “dar um pulo” e “correr” é possível, devido à semelhança semântica entre os eventos “pular” e “correr”.

(7) aparece associado, quase que exclusivamente, às nominalizações relativas ao verbo *correr*.

Pretérito imperfeito. Com a utilização dessa forma gramatical há um deslocamento do ponto de vista a fim de distanciar o falante do interlocutor ou de um determinado ato ameaçador à face (BROWN e LEVINSON, 1987, p. 204). Ao usar o tempo pretérito no lugar do presente, o falante se desloca, como se estivesse no futuro, distanciando-se do aqui e agora. Pode-se dizer, portanto, que o efeito mitigador dessa forma gramatical resulta do distanciamento do conteúdo proposicional em relação ao tempo real no qual os interlocutores se encontram. Assim como o condicional, o pretérito imperfeito atenua somente naqueles usos que podem ser substituídos pelo tempo presente sem alterar o significado da proposição, como “podia” por “pode”, em (8), e *preguntaba* por *pregunto*, em (9). Essa subestratégia exibiu uma frequência de 10,26% no ES-M, sendo o terceiro procedimento gramatical de atenuação mais utilizado nessa variante, enquanto na variante curitibana sua frequência foi visivelmente inferior, com 2,78%. Tanto no PC quanto no ES-M, o uso do imperfeito predominou nas situações em que o falante estava em posição de menor poder social, ou quando havia distância social entre os interlocutores.

(8) Bem que você podia ir na mercearia pra mim agora né ... (Q48R11)

(9) Profesora... me preguntaba si tienes las correcciones del análisis de los poemas, ... (Q82R2)

O emprego do **modo subjuntivo** ocorreu apenas no espanhol, sendo a quarta subestratégia mais utilizada, com 5,13% de frequência. Predominou nas situações em que o falante se dirigiu a alguém em posição de maior poder social e em que a distância era relativamente grande (aluno-professor):

(10) Mañana es la prueba y quisiera poder ver mis textos! (Q106R2)

No espanhol há a possibilidade de alternar os usos do condicional (*querria*), do pretérito imperfeito (*queria*) e do subjuntivo (*quisiera*) nas mesmas situações. Porém, consideramos que poderá haver diferença quanto ao grau de atenuação expressado por cada uma dessas formas e quanto à percepção de tal atenuação nas diferentes variantes do espanhol. Desse modo, acreditamos que somente através de estudos empíricos específicos seria possível investigar a percepção dessa alternância pelos falantes.

O uso da perífrase com **estar + gerúndio** foi pouco produtivo nas duas línguas com porcentagens de 2,78% e 1,92%, no PC e no ES-M, respectivamente. Quanto à ocorrência da estrutura **passiva**, houve apenas um caso no português e nenhum no espanhol.

(11) Professora, os textos já foram corrigidos? (Q12R2)

Com exceção do condicional, que teve maior uso tanto no português quanto na variante do espanhol, verificou-se que, embora as duas línguas disponibilizem aos usuários estruturas gramaticais semelhantes (formas para impessoalizar, subjuntivo, pretérito imperfeito, construções com verbos leves, entre outros), o tipo de atenuante gramatical mais utilizado em cada uma diferiu sensivelmente. Por

exemplo, enquanto no PC os informantes usaram quase que exclusivamente o “condicional” para expressar um distanciamento quanto a suas intenções reais, no ES-M, além do condicional, o pretérito imperfeito e o subjuntivo também foram empregados com essa função. Além disso, no caso das formas impessoais, o tipo de relação de poder parece ter sido determinante para seu uso.

3.2 Mitigações léxico-frasais (MLFs)

Conforme o gráfico a seguir, também são sete as categorias de mitigadores léxico-frasais analisadas. Esses procedimentos de mitigação são acréscimos opcionais que atenuam a força impositiva do pedido/ordem ao modificar esse ato internamente. Para a análise das MLFs em nossos dados, partiremos das categorizações estabelecidas em Blum-Kulka et al. (1989). No entanto, acrescentamos também os “minimizadores lexicais” às categorias originalmente propostas, posto que no espanhol e no português essa subestratégia envolve a morfologia da palavra.

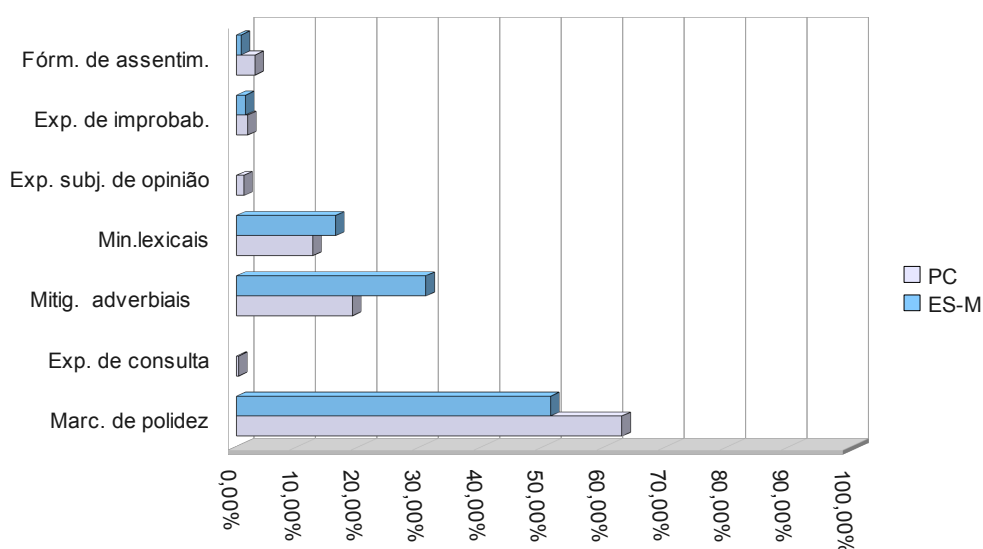


Gráfico 2 – Porcentagens das MLFs no PC e no ES-M

Diferentemente do observado nas MGs, nas MLFs as categorias mais utilizadas são as mesmas nas duas línguas, conforme o gráfico 2, em ordem decrescente: marcadores de polidez, mitigações adverbiais e minimizadores lexicais. Apesar desse consenso, nota-se que a frequência relativa desses atenuantes difere consideravelmente.

Marcadores de polidez. Como demonstra o gráfico 2, os marcadores de polidez, cujo representante mais cristalizado no português e no espanhol é a expressão “por favor”, foram o recurso lexical mais empregado nas duas línguas como forma de atenuar o conteúdo proposicional do ato diretivo, com 62,65%, no PC, e 51,05%, no ES-M, ocorrendo na maioria das situações do *DCT*. Tanto no PC quanto no ES-M, esses marcadores predominaram na abertura e no final do ato principal, sendo a ocorrência intermediária a forma não preferida.

- (12) Maria por favor, busca troco pra gente. (Q64R12)
- (13) Por favor, puede prestarme la lapicera un momento? (Q110R14)
- (14) Podemos por favor abaixar o volume da TV amor? (Q67R1)
- (15) Hija, ¿podrías por favor poner tus cosas en el cuarto? (Q104R4)
- (16) Amor! Traz pão na volta por favor?! (Q67R8)
- (17) Saque el auto por favor. (Q119R6)

Ainda quanto à expressão “por favor”, esta tem sido tradicionalmente considerada como um marcador de polidez negativa, que normalmente acompanha os atos impositivos, atenuando a imposição causada ao interlocutor. Entretanto, Bernal (2006), ao analisar conversações do espanhol peninsular, encontra outras funções para esse marcador discursivo, tais como: expressar protesto ou desagrado pelas ações ou enunciados dos outros; expressar solidariedade com o interlocutor; e reforçar o enunciado por meio de recursos prosódicos (“por/faz favor” em tom alto e com irritação intensifica o ato de imposição, ao invés de atenuá-lo). Também em nossos dados encontramos usos de “por favor” e “faz favor” que parecem não atenuar as imposições:

- (18) Oh Gisele, por favor né! Olha a sujeira desta cozinha! (Q47R3)
- (19) O rapaz! Aí não é lugar de estacionar. Então faz favor né? (Q70R6)
- (20) Carmen siempre lo mismo! Por favor no hace dos días que estás em la la empresa para que hagas estas cosas. (Q109R5)

Como evidenciam os exemplos (18) e (19), a combinação da fórmula rotineira de polidez “por/faz favor” com o marcador discursivo “né”, no português, ao contrário de atenuar, acaba por produzir um agravamento da imposição. No ES-M, em (20), também tem-se um uso de “por favor” que não parece marcar a polidez negativa, já que antecede uma reprovação feita pelo chefe ao atraso da secretária no cumprimento de uma tarefa. Conforme os exemplos anteriores, observa-se que o emprego “não polido” de “por favor” ocorreu apenas nas situações em que o pedido/ordem implicava também alguma reprovação sobre algum comportamento do destinatário. Desse modo, os usos anteriores sugerem que a expressão “por favor”, além de fórmula de polidez, também pode funcionar como marcador discursivo para diferentes estratégias pragmáticas, como: expressar desagrado, desaprovação e impaciência. Como não é possível determinarmos a intenção exata com que o os marcadores foram usados em cada caso, vamos supor que qualquer um desses três valores, ou os três, seriam possíveis.

Mitigações adverbiais. Este foi o segundo tipo de atenuação lexical mais empregado, com 18,82%, no PC, e 30,77%, no ES-M. Como os contextos de ocorrência das mitigações adverbiais foram bastante variados, não foi possível estabelecer relações com as variáveis “poder” e “distância”, pois ocorrem em praticamente todas as possibilidades para essas variáveis (=P, +P, -D, +D). Sendo assim, a presença das mitigações adverbiais parece relacionar-se muito mais com o tipo de ação denotada no pedido/ordem, predominando naquelas situações em que

a ação solicitada é passível de ser modalizada com formas adverbiais como “rápido”, como “ir” em (21), ou “um pouco” \ *un poco*, como *bajar* em (22).

(21) Maria, você pode ir ali no posto rapidinho trocar esta nota? (Q26R12)

(22) Bajá un poco el volumen o apagá la tele ... (Q74R1)

Além disso, verbos como “ir” são frequentemente acompanhados por advérbios de localização, como “aqui”, “ali” e “perto” (*aquí*, *ahí* e *cerca*, no espanhol), que, ao indicar que o ato solicitado não tomará muito tempo do interlocutor, também funcionam como atenuantes do conteúdo proposicional.

Minimizadores lexicais. Esta categoria, a terceira mais utilizada — com 12,35% de frequência, no PC, e 16,8%, no ES-M — relaciona-se com a anterior, uma vez que os sufixos diminutivos, em nossos dados, são usados com função similar ao das mitigações adverbiais, ou seja, para minimizar a imposição. Embora, como indica Márquez-Reiter (2000, p. 137), o principal propósito dos diminutivos é expressar a ideia de “pequeno” ou “pouco”, eles também podem ser usados para demonstrar emoções como ternura e até mesmo desprezo. Segundo essa autora, os diminutivos mitigam a força do enunciado na medida em que são interpretados como sinal de cordialidade, estando associados com o pertencimento ao grupo e usados em contextos em que a cooperação do ouvinte é esperada. Referindo-se ao espanhol uruguaio, Márquez-Reiter argumenta que os diminutivos são vistos como um sinal de solidariedade, marcando a polidez positiva. De fato, em nossos dados, o uso dos sufixos diminutivos foi mais expressivo nas situações em que havia proximidade entre os participantes (-D), sugerindo uma relação entre o uso desse modificador interno e a polidez positiva. Porém, no PC, os diminutivos também foram utilizados em situações em que havia distância social (+D) entre os interlocutores, como se vê em (23).

(23) ... estou precisando de 2 minutinhos de muita importância para mim. (Q35R9)

Desta forma, supomos que, quando associados a um mitigador adverbial, os sufixos diminutivos, ou minimizadores lexicais, também projetam polidez negativa, na medida em que pretendem sinalizar que o custo do interlocutor em termos de tempo (23) e/ou esforço (21) será mínimo. Percebe-se que, muitas vezes, há uma sobreposição de mitigação adverbial e minimização lexical, como ocorre em “rapidinho”, no exemplo (21). Nesses casos, o efeito minimizador do advérbio torna-se ainda mais acentuado pelo acréscimo do sufixo diminutivo (“um segundinho” \ *un segundito*; “rapidinho” \ *rapidito*, *un cachito*, etc.). Comparemos os seguintes exemplos hipotéticos:

(24) Vai lá na mercearia rápido.

(25) Vai ali na mercearia rápido.

(26) Vai ali na mercearia rapidinho.

A combinação de “lá” e “rápido”, em (24), não produz qualquer atenuação sobre o que se pretende que o destinatário faça (“ir à mercearia”), já que o advérbio “lá” implica maior distância e fica incompatível com a característica de ser “rápido”, representando maior custo para o ouvinte. Por outro lado, a combinação

de “ali” e “rápido”, em (25), torna o ato diretivo menos impositivo, indicando que o custo do ouvinte será pequeno, já que a distância é curta (“ali”) e poderá ser percorrida rapidamente, sem grandes esforços. Por fim, o acréscimo do sufixo diminutivo, em (26), resulta em um efeito atenuante ainda maior.

As **expressões de consulta** (“O que acha?” (Q04R11)) e as **expressões subjetivas de opinião** (“Carmem acho que você atrasou a lista de preços que eu te pedi” (Q28R5)) ocorreram somente na variante do português, com porcentagens insignificantes. As **expressões de improbabilidade** também apresentaram frequências irrelevantes estatisticamente, não chegando a 2% nas duas línguas (Carmem, por um acaso aquela listagem que lhe pedi há uma semana já está pronta? (Q19R5); *Vengo a ver si cabe la posibilidad de hacer un vale* (Q120R9).

Já o uso de **fórmulas de assentimento**, ainda que com frequências baixas, foi quatro vezes maior no PC (2,94%). Enquanto no PC aparecem formas como “tá bom?”, “tá?”, “ok?” e “né” com essa função (27), no espanhol usou-se apenas a forma *¿dale?* com uma única ocorrência (28).

(27) Amorzinho traz os pães, tá?! (Q39R8)

(28) María, anda hasta la estación y cambíame esto. ¿Dale? (Q94R12)

Com esse procedimento, que ocorre imediatamente após a formulação do pedido, busca-se um sinal de assentimento ou acordo do interlocutor quanto à realização do ato solicitado.

4 Considerações finais

Como foi possível observar nas análises dos resultados, embora as duas línguas disponibilizem aos usuários estruturas gramaticais semelhantes, o tipo de atenuante gramatical mais utilizado em cada uma diferiu sensivelmente. No português curitibano, por exemplo, para a expressão do distanciamento quanto às verdadeiras intenções do falante, usou-se predominantemente o “condicional”. Já na variante do espanhol, além do “condicional”, também usou-se o pretérito imperfeito e o subjuntivo, para a mesma função. No que se refere ao uso das formas impessoais, o tipo de relação de poder parece ter sido determinante para o emprego desse procedimento pelos curitibanos. Os uruguaios, por outro lado, recorreram mais à impessoalização quando o grau de imposição do ato era alto (como na situação em que o falante pede a um desconhecido que apague o cigarro). Ainda quanto aos procedimentos de mitigação gramatical, consideramos que a identificação, em nossos dados, das construções com verbos leves (CVLs) como um procedimento de mitigação na formulação de pedidos e ordens contribui, de forma significativa, para a ampliação das categorias registradas na literatura até o momento. Tendo em vista essa primeira aproximação às CVLs pelo viés da polidez linguística, vemos a necessidade de novos estudos sobre o tema, a fim de se verificar, por exemplo, se a relação entre certos tipos de CVLs e a polidez também seria possível em outras línguas.

Referências bibliográficas

ALBELDA, M. ¿Cómo se reconoce la atenuación? In: ORLETTI, F.; MARIOTTINI, L. (ed.). *(Des)cortesía en español. Espacios teóricos y metodológicos para su estudio*. Roma-Estocolmo: Università degli Studi Roma Tre-EDICE, 2010. Disponível em: <<http://edice.org/>> Acesso em 17 agost. 2010.

BALLESTEROS MARTÍN, F. J. Mecanismos de atenuación en español e inglés. Implicaciones pragmáticas en la cortesía. *Círculo de Lingüística Aplicada a la Comunicación*, 11, 2002. Acesso disponível em: <http://www.ucm.es/info/circulo/no11/ballesteros.htm>

BERNAL, M. '¡Ay señor por favor!': usos de por favor que exceden al mandato y a la petición cortés en la conversación española. In: OLSEN, M.; SWIATEK, E. H. (ed.) *Actas del XVI Congreso de Romanistas Escandinavos*, 2006. Disponível em: <www.ruc.dk/cuid/publikationer/publikationer/XVI-SRK.../SMO04-Bernal/> Acesso em: 17 agost. 2010.

BLUM-KULKA, S.; HOUSE, J.; KASPER, G. (eds.). *Cross-cultural pragmatics: requests and apologies*. Ablex Publishing Corporation, 1989.

BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: Som universals in language usage*. Cambridge University Press, 1987.

CAMPBELL, R. G. *The Grammatical Structure of Verbal Predicates*. 1989. Tese de Doutorado – UCLA, Los Angeles.

DIAS, L. S. *Estratégias de polidez linguística na formulação de pedidos e ordens contextualizados: um estudo contrastivo entre o português curitibano e o espanhol montevideano*. 2010. 224 f. Tese de doutorado – Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

GODOI, E. Las estrategias pragmáticas de atenuación e imposición en algunas variantes de español y portugués. In: *VII CONGRESO LATINOAMERICANO DE ESTUDIOS DEL DISCURSO ALED. HORIZONTES DE SENTIDO*, 1. Bogotá, 2007.

HAVERKATE, H. *La cortesía verbal: estudio pragmlingüístico*. Gredos, 1994.

MÁRQUEZ-REITER, R. *Linguistic politeness in Britain and Uruguay: A contrastive study of requests and apologies*. John Benjamins, 2000.

SCHER, A. P. *As construções com o verbo leve "dar" e nominalizações em -ada no português do Brasil*. 2004, 234 f. Tese de doutorado – Programa de Pós-Graduação em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas.